

Voluntárias explicam opção

Elas são as versões modernas das amas-de-leite: Valdernete Rego de Souza e Ivanete Fernandes Faria são doadoras voluntárias do banco de leite do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS). Na última quarta-feira as duas entregaram 1 litro e meio de leite materno, coletado ao longo de quatro dias. Em sua segunda doação, Ivanete encheu dois frascos de 500 ml, o dobro do que havia colhido anteriormente. Já Valdernete conseguiu juntar 500 ml em sua primeira doação, ela que deu à luz há oito dias. Ambas asseguram, "o leite sobra, melhor que desperdiçá-lo é fazer a doação". As duas pretendem amamentar ainda por muito tempo e permanecer como doadoras enquanto tiverem leite.

Ivanete diz que tem leite em abundância e prova ao amamentar o pequeno Frederico, de um mês. Enquanto o filho suga num dos seis, no outro o leite jorra. Ela conta que coloca uma xícara, apara o leite e deposita no vidro, acumulando, assim, o destinado à doação. Segundo

ela, doar é também uma forma de evitar que o leite emprede, provocando dores e febres. Moradora da 406 Sul, a dona-de-casa Ivanete tomou conhecimento da necessidade dos bancos de leite pela televisão. "Vi o caso de um bebê que precisava do leite que estava em falta no Hospital de Taguatinga", lembra. A partir desse dia, o excesso do seu leite não foi mais jogado fora.

Valdernete vivenciou a problemática da falta de leite nos bancos dos hospitais mais de perto. Ela ganhou nenê no HRAS, quando comprovou a importância do leite materno para as crianças ali internadas, que sofrem com a falta do produto. No hospital mesmo, ela começou a distribuir seu leite para os outros bebês. De volta a casa, na Candangolândia, Valdernete continuou contribuindo, desta vez como doadora do banco de leite. Além de amamentar a filha Iara, ela afirma que se sente muito bem ao distribuir saúde para outras crianças, com seu leite. "É insubstituível", conclui. (E.T.)